

Centenário
da
Ordenação Sacerdotal
do
Padre Miguel Rua



1960
Escola Tipográfica Salesiana
Bahia

Centenário
da
Ordenação Sacerdotal
do
Padre Miguel Rua



1960
Escola Tipográfica Salesiana
Bahia

Caríssimos Salesianos e Noviços:

Louvado seja Jesus Cristo.

Nas faustosas comemorações do primeiro Centenário da Ordenação Sacerdotal do Padre Miguel Rua e do cinqüentenário da sua morte, pareceu-me oportuno depositar em vossas mãos as preciosíssimas considerações do nosso Venerando Reitor Mor, publicadas nos Atos do Capítulo Superior n.º 212. Lêde, caríssimos, essas páginas. Considerai e meditai essa valiosa e utilíssima doutrina. Revestí-vos dêsse manto do Padre Miguel Rua, como Eliseu se revestiu do de Elias, para que possais reproduzir ao vivo as virtudes que êle viveu, praticou e das quais deu luminosos exemplos. Recebei êste presente, mas não o atireis sem mais no meio dos vossos livros, como se fôsse um comentário qualquer, à guisa do alfarrábio.

29 de julho de 1960.

Orai pelo vosso in Cordi Jesu

No último número dos Atos do Capítulo Superior, escreve o nosso Venerando Reitor Mor, convidei-vos a ler e reler as Memórias Biográficas, tesouro preciosíssimo com que enriquecem a Congregação os nossos inesquecíveis escritores Pe. Lemoyne, Pe. Amadei e Pe. Ceria. Manifestei-vos êsse desejo justamente depois de uma breve resenha das celebrações jubilares que realizaremos no corrente ano de 1960.

Percebestes, talvez, que apenas acenei à celebração do Centenário da Primeira Missa do Venerável Padre Rua, e fí-lo porque era desde então minha intenção delongar-me expressamente sôbre a grande figura daquêle que mui justamente foi proclamado *Alter Familiae Parens*, como se lê na inscrição que o Pe. Cerruti mandou gravar na lápide junto ao túmulo do Primeiro Sucessor de Dom Bosco em Valsállice.

Devemos recordar em modo particular êste primeiro Centenário juntamente com o Cinquentenário da morte, ocorrida no ano de 1910. Tôda a Congregação havia programado a solene comemoração das bodas de ouro

do amado Superior e Pai e, ao invés, viu-se forçada a assistir ao seu funeral, que não foi outra coisa senão o primeiro sinal da sua fama de santidade.

Concentremo-nos, portanto, nessas duas faustas ocorrências, para tirarmos depois alguns ensinamentos úteis à nossa vida religiosa salesiana.

A PRIMEIRA MISSA DO PADRE RUA (29 de julho de 1960)

Do nosso Santo Fundador Dom Bosco conhecemos perfeitamente qual a sua preparação à Ordenação Sacerdotal, o seu fervor no retiro espiritual e nas ininterruptas orações, como também alguns pormenores da função e os propósitos que tomou nessa ocasião. E o Pe. Lemoyne transmitiu-nos tôdas essas notícias com admirável precisão.

Com o Padre Rua não aconteceu o mesmo. Ele não deixou nada escrito sôbre aqueles dias em que se preparava ao Presbiterado.

Forçoso foi recorrermos às poucas testemunhas sobreviventes, para que tivéssemos ao menos uma idéia.

O Padre Rua fêz o Retiro Espiritual na Casa da Missão, como já o fizera para as outras Ordens Sacras. "O que se passou", escreve o Padre Céria", entre êle e Deus na-

quele importante retiro, não sabemos dizê-lo; mas o Padre Francésia, no processo informativo, declarou que a sua preparação foi verdadeiramente singular". Durante êsse retiro, a pedido do mesmo Padre Rua, Dom Bosco, mandou-lhe as lembranças, em uma carta escrita em latim na qual, entre outras, cousas dizia: "Seja modelo de boas obras. Faça sempre o que for do agrado do Senhor. Combata o demônio e espere em Deus". O Padre Rua conservou carinhosamente essa carta até o fim da vida. O modo com que êle praticara estas lembranças e como tenha sido fiel às recomendações de Dom Bosco sabem-no todos os leitores da sua biografia. Depois do Retiro, o Padre Rua, em companhia de dois clérigos, "partiu a pé, à guisa de pobrezinhos (diz a crônica) em direção à Vila de Casale Turinês, onde D. Balma, bispo auxiliar do Sr. Arcebispo, passava as férias junto ao solar do barão de Barbônia. Estava êle tão compenetrado da importância do Sacerdócio que estava para receber no dia seguinte, que passou não só todo o restante daquele dia, 28 de julho, em fervorosa oração, como também tôda a noite. De fato, os criados, indo preparar o quarto pela manhã, com surpresa, encontraram o leito como o haviam preparado na véspera e compreenderam que o Padre Rua nem de leve o havia tocado. Narraram o fato também ao Barão dizendo: "Que santo homem

não deve ser! Não dormiu nada; talvez passou a noite em oração". E o Barão acrescentou: "É um digno filho de Dom Bosco, e não me causa admiração o que me dizem".

Da sua ordenação sacerdotal, ocorrida a 29 de julho de 1860, temos apenas êste simples e eloquentíssimo testemunho: "Em tôdas as cerimônias da Ordenação foi tal a piedade do Padre Rua que arrancava lágrimas. Devia estar êle todo inebriado de fervor celeste".

No outro dia em Valdocco, celebrou a primeira Missa para a comunidade, com devoção, sem esplendor de pompa externa, mas entre indescritível alegria dos meninos. Nada mais sôbre esta piedosa função. O Padre Cerruti, porém, cinqüenta anos passados, precisamente na oração fúnebre pronunciada em Milão, recordou comovido que êle mantinha o olhar sereno, e, modestamente recolhido, encaminhava-se ao altar; o seu rosto se manteve fulgurante na consagração e com fervor seráfico distribuía a Santa Eucaristia.

No domingo seguinte, o Padre Rua cantou a primeira Missa, assistido por Dom Bosco, entre os frêmitos de júbilo e de entusiasmo de todos os alunos e oratorianos.

No programa da tertúlia que se lhe dedicou havia nada menos que vinte e sete discursinhos e em um dêles o orador foi um

tanto além e profetizou do humilde neo-sacerdote: "Trazes em ti o coração de Dom Bosco, e todos, desde já, te apontam como o seu digno sucessor".

Não me delongo em outros particulares, cujo conhecimento podeis obter nas leituras que fizerdes, oportuna e cômodamente, durante o ano. O meu pensamento no momento, porém, v^{oa} à falange dos nossos clérigos que em todos os pontos do mundo se preparam remota ou pròximamente ao Sacerdócio, aos quais desejo recordar que nenhuma preparação, por mais esmerada que seja, pode ser condigna da dignidade e do ministério a que aspiram.

A êles sobretudo, como conselho e exemplo, a comemoração do Centenário da Ordenação Sacerdotal do Padre Rua, unida às vozes autorizadas dos Sumos Pontífices e particularmente à do manso e paterno João XXIII, gloriosamente reinante, vem recordar a obrigação de se prepararem dignamente ao Sacerdócio.

Dirijo-me em particular aos Diáconos: do fervor, pois, com que hão de receber a Ordenação Sacerdotal e dos propósitos que hão de tomar, dependem o futuro e a eficácia do seu apostolado. Sei que durante o Retiro Espiritual para o Sacerdócio, os Superiores de teologia, com solícita vigilância e assistência, os afastam das distrações e preo-

cupações, dos programas de festas e viagens, das impressões das lembranças e de outras semelhantes iniciativas. Permitti-me uma ligeira digressão à guisa de desabafo: como se explica que alguns, depois de pouquíssimos anos de Sacerdote, se desnorтеiam a ponto de passarem *ad vota saecularia*? Certamente os Retiros em preparação à Ordenação não abriram sulcos profundos e duradouros no terreno dos seus corações. Bom seria que o primeiro fruto dêste Centenário fôsse o de evitar que se repetisse hoje na nossa Congregação a queixa que o mesmo Venerável Padre Rua fizera em 1903, quando a concepção e os instintos do mal não eram tão espalhados como nos nossos dias. E' verdade que não existiam ainda as atuais casas de formação, indiscutivelmente, providenciais para os nossos alunos do Santuário. "Aflige-me profundamente", escreveu o Venerável Superior, "quando vejo que vários dos nossos irmãos, não pensando que a sua vocação se deva a uma mística corrente de graças extraordinárias, esquecidos de tôdas as luzes que o Senhor lhes havia concedido, máxime no noviciado, infiéis às promessas feitas diante do altar, se deixam arrastar pelos infernais enganos e abandonam a nossa Pia Sociedade. A culpa é de certa gravidade num irmão coadjutor, mas atinge ela ao máximo no Sacerdote, o qual foi ordenado em nome da Congregação, seguindo os

Decretos da Santa Igreja, com a qual contraiu estreitíssimos vínculos:”

A MORTE DO PADRE RUA (6-4-1910)

A segunda data jubilosa que queremos comemorar neste ano é o feliz trânsito do Venerável, o qual se deu precisamente no quinquagésimo aniversário da sua Primeira Missa.

Tôda a Congregação estava em preparativos para celebrar com júbilo as Bodas de Ouro do Reitor-Mór.

Já se haviam programado os festejos, tinham sido convidados Cooperadores e Ex-alunos, e previa-se, em suma, um grande triunfo para o Sucessor de Dom Bosco. Ele via, sorria e dava ampla liberdade para os devidos preparativos. Um dia, porém, deixou escapar dos lábios uma frase que repetiu outras vêzes. “Afatigai-vos com tantos preparativos, mas fareis a festa sem o Santo”.

Não se duvida que o Padre Rua tinha conhecimento de que a hora do seu ocaso já se aproximava, como o confirmam vários testemunhos. Nem por isso deixou de trabalhar com o mesmo zêlo, até que lhe permitiram as fôrças. Quando reconheceu que a sua natureza já não podia mais reagir, preparou-se serenamente para o grande passo.

Solicitou oportunamente e solenemente o Santo Viático, e, embora já desfalecido ao extremo, antes de receber Nosso Senhor, falou agradecendo aos seus filhos as orações que por êle fizeram, o afeto que sempre lhe dispensaram e deixou-lhes as três preciosas lembranças ditadas outrora por Dom Bosco no leito de morte, e que o Padre Ricaldone mandou inserir na oração de Dom Bosco: "amor à Santíssima Eucaristia; devoção a Maria Auxiliadora; respeito, obediência e amor ao Papa". Tôdas as vêzes que se lê essa saudosa passagem, experimenta-se íntima comoção.

À vigília da morte, recebeu a Santa Comunhão, após a Missa celebrada às dez horas no seu quarto. Queria começar também a meditação, conforme o horário que êle mesmo havia estabelecido para as horas matutinas, mas anuindo ao pedido de um dos seus filhos e seu confessor, resignou-se em ouvir apenas a leitura dos enunciados dos três pontos. Por tôda aquela triste vigília, com edificante serenidade, perguntava, de quando em quando, se já não era hora de morrer, tal era o seu ardente desejo de voar para junto de Dom Bosco. Ouvia silencioso as jaculatórias, cujas palavras não podia mais repetir, pela extrema fraqueza. Quando o seu confessor sugeriu-lhe, porém, aquela que Dom Bosco lhe ensinara, quando então pequenino, "Doce Coração de Maria, fa-

zei que eu salve a minha alma”, estremeceu e agarrando-se a um fiozinho de voz, exclamou: “Sim, salvar a alma é tudo... é tudo! Salvar a alma”. Foram as suas últimas palavras. Entrou logo em estado de coma.

Na manhã de 6 de abril, depois do levantar da comunidade, começou o desfilar ininterrupto dos irmãos e alunos do Oratório, diante do moribundo, cujas mãos todos beijavam devotamente. “Findado que fôra o mesto cortejo, sem gemidos, sem movimentos, sem que os mesmos assistentes o percebessem, o coração do Padre Rua parou para sempre e a sua alma abandonou o corpo”.

Eis, caríssimos, o fruto mais prático que devemos tirar do cinquentenário da morte do Padre Rua; o pensamento perene e constante da salvação da nossa alma e das almas, cujos cuidados nos foram confiados. E’ êste o sal com que nós, Salesianos de Dom Bosco, devemos temperar a nossa atividade, o nosso apostolado, através de um mundo que perdeu o sentido do que seja pecado e perigo da condenação eterna. **Salvar a alma é tudo!** Vãos seriam os nossos esforços e sacrifícios na equipagem de escolas e oficinas pelos meios moderníssimos; na consecução de diplomas nas ciências e nas artes; na atualização dos programas de apostolado; na propagação e difusão das obras sociais; na conquista de louvores e aplausos, se negligên-

ciássemos o problema da salvação da nossa alma e daquelas pelas quais trabalhamos. **Salvar a alma é tudo!** Digamo-lo aos nossos alunos, a-fim-de que, durante os anos de vida colegial, esta verdade penetre profundamente na mente dêles. Digamo-lo aos nossos oratorianos como valiosa ajuda contra as dificuldades que deverão enfrentar quer contra a família não praticante, quer contra a escola "leiga" no sentido mais doloroso da palavra, quer contra o trabalho em ambientes antagônicos aos bons costumes. Digamo-lo aos nossos ex-alunos, para que se animem a viver dignamente na sua vida particular, familiar e social. Digamo-lo por fim, aos nossos Cooperadores que a poderosa alavanca das atividades Salesianas e do "nunca ficar parado" de Dom Bosco é justamente a ânsia de salvar muitas e muitas almas, estando em primeiro lugar a nossa... porque a salvação da alma é a coisa mais importante!

DA MORTE DO PADRE RUA AOS NOSSOS DIAS

Podemos dizer que nos primeiros vinte e cinco anos de sua morte, o Padre Rua, ocultou-se à sombra, deixando, no nosso modo de pensar e exprimir, que a figura do Pai e Fundador crescesse desmesuradamente em todo o mundo salesiano e católico. Nos ou-

tros vinte e cinco anos, ao invés, isto é, após a Canonização de Dom Bosco, do ano de 1934 à data presente, cada vez mais se ostenta o seu Sucessor e, assim como foi o primeiro Sucessor no Reitorado da Congregação, assim, como fervorosamente esperamos e suplicamos, será o primeiro Sucessor na glorificação do Sacerdócio Salesiano.

O Padre Céria, ao findar a descrição da morte do Padre Rua, disse: "No Oratório, depois de breve e fervoroso tributo de lágrimas, foi unânime o pensamento de que tinha morrido um santo, um verdadeiro santo, um grande santo".

O Cardeal Ferrari, Arcebispo de Milão, disse: "Se ainda prevalecesse a praxe de proclamar os santos pela voz do povo, eu não hesitaria em favorecer a proclamação do Padre Rua".

Também o ilustrado Senador Pedro Fedele, Professor de História na Universidade de Turim, no mesmo dia da morte, falando a um salesiano disse: "Se estivéssemos na Idade Média, amanhã pela manhã não se celebraria a Missa de Requiem, mas seria ela cantada em honra de São Miguel Rua, elevado às honras dos altares pela voz do povo".

Nós que tivemos a felicidade de conhe-

cê-lo e de estar no seu lado, recordamos que se nos afigurava a bondade personificada. Diziam-nos os Superiores que êle era outro Dom Bosco, Dom Bosco ressuscitado, Dom Bosco redivivo. Era voz corrente que, por mais que o tivessem observado atentamente, jamais conseguiríamos descobrir nêle o menor defeito.

Mui comumente nos apresentavam os exemplos admiráveis e quasi inacessíveis do Padre Rua, falavam-nos dos seráficos ardores da sua caridade, da sua penitência heróica como a dos maiores Santos, da sua incansável atividade, do heroismo dos seus sacrificios e, como complemento, dos seus dons de profecia e de milagres.

Ora, depois de cinqüenta anos da morte, enquanto esperamos que o Venerável (quando aprouver a Deus e ao seu Vigário na terra) resplandeça na Glória de Bernini, eu penso, Irmãos e filhos caríssimos, que poderemos apressar o triunfo do Padre Rua na imitação de duas virtudes que o distinguiram como sinais característicos, isto é, **o afeto a Dom Bosco e a fidelidade à Regra.**

A isto nos impele outrossim o desenvolvimento prodigioso da nossa Sociedade com o perigo conseqüente e muito fácil de nos afastarmos do espírito do nosso Santo Fundador e de multiplicarmos as exceções à ob-

servância regular; o que pode acontecer, aqui e além, mesmo contra a nossa vontade.

Observemos pois, sob êsses dois pontos de vista o Venerável Padre Rua, num simples olhar apenas, e por circunstâncias, mui rapidamente, de molde a nos animar a imitá-lo.

AFEIÇOADO A DOM BOSCO

Estudar, amar, imitar Dom Bosco foi o programa, ou melhor, a estrada real que guindou o Padre Rua à mais alta perfeição. Estudou Dom Bosco sob tôdas as facetas, e, desde o dia em que assistiu aos seus últimos momentos, proclamou-o seu modelo, seu guia, seu íntimo conselheiro. Dom Bosco havia apenas exalado o último respiro e o Padre Rua dirigindo-se aos presentes, naquele humilde quarto, disse: "Perdemos um Pai na terra, mas adquirimos um protetor no Céu. Sere-mos seus dignos filhos se palmilharmos os seus exemplos".

Por êsse modo de falar era patente a convicção do Padre Rua de que Dom Bosco voava diretamente ao Céu, pelo fato de o ter proclamado protetor a ser invocado e imitado. Eis a verdadeira devoção: honrar, recorrer, imitar.

Durante a vida de Dom Bosco, o Padre Rua afeiçãoou-se-lhe extraordinariamente;

pelo que vivia por êle, consumia-se por êle, e o cumprimento de suas ordens estava-lhe acima de qualquer outra preocupação, porque tinha a convicção de que sòmente assim é que poderia servir dignamente ao Senhor.

Depois da morte do Fundador, o Venerável dispôs-se, por assim dizer, a substituí-lo, procurando ser a sua cópia fiel, e ocultando-se quanto possível a sí mesmo. Quando recebeu da Santa Sé, a confirmação de ser o Sucessor de Dom Bosco, escreveu aos Salesianos: 'Consideremo-nos muito felizes por sermos filhos de um Pai tão grande. Sejam, pois, solícitos em sustentar e, em tempo oportuno, desenvolver cada vez mais as obras que êle iniciou, seguir fielmente os métodos que êle praticou e ensinou e na nossa maneira de falar e de operar tenhamos em mira a imitação do modelo que o Senhor, na sua bondade, nos proporcionou'.

E entusiásticamente concluiu a sua carta: "Êste, caríssimos filhos, será o programa que hei-de desenvolver no meu govêrno".

Um dos biógrafos comentando essas palavras assim se exprimiu: "Desde aquêle dia nos sermões, nas conferências aos Salesianos e às Filhas de Maria Auxiliadora, aos Alunos e aos Cooperadores, não deixou uma só vez de apresentar e recomendar alguma virtude ou ideal de Dom Bosco.

Parecia que desaparecesse a sua palavra, porque dos seus lábios mais saía o nome de Dom Bosco e repetia com calor as suas palavras e recordava os seus exemplos”.

Era dêsse jaez a devoção, o afeto, a dedicação que o Padre Rua nutria para com Dom Bosco.

— Todos os que leram a vida do Padre Rua afirmaram que êle conseguiu ser cópia fiel de Dom Bosco, a ponto de ser outro Dom Bosco vivente. Nos vinte e dois anos de governo não abandonou nem um instante sequer o seu propósito, começando pela paternidade do Fundador. Os Salesianos que tiveram a oportunidade de conhecê-lo nos anos anteriores, admiravam o esforço sôbre-humano a que se sujeitou para conquistar no tempo de governo tão elevada perfeição de paternidade, a cuja prática não estava afeito, dada a natureza do seu cargo e que agora se identificava perfeitamente com Dom Bosco. Tinha-se a impressão de que fôra sempre assim, tal era a naturalidade com que se apresentava nas conversações e no trato social. Era mais que Superior, um Pai terníssimo. Desejaria ser prolixo na citação dos testemunhos, tão autorizados quão apreciados, mas devo limitar-me a breve aceso apenas.

Escreve o Padre Albera, seu imediato Superior: “A vida do Padre Rua foi de contínua preocupação na imitação do Venerável Dom Bosco. Disto resultou o seu inces-

sante progresso na perfeição, do que se admiravam todos aquêles que dêle se aproximavam. Destarte êle conseguia reproduzir em si mesmo, com perfeição, o modelo, cuja imagem trazia sempre em mente, chegando a ponto de ser cognominado outro Dom Bosco". Escreveu o Padre Francésia: "O Padre Rua industriosamente procurava ocultar o que costumava fazer e o que o Senhor queria que se fizesse por êle. Nós que habitualmente vivíamos com êle, que ouviamos a sua palavras quase tôdas as horas, que costumávamos tratá-lo com intimidade e confiança, encontrávamos nêle tudo natural, e nada de singularidade". Podia êle dizer de si mesmo: "Farei assim, porque assim também teria feito Dom Bosco! Que há-de extraordinário nisto? Parece-me que não há nada".

O Servo de Deus Padre Rinaldi, em um dos seus longos depoimentos afirma que: "na direção do Instituto, o Padre Rua recorria ao Fundador para alcançar luzes" e apresenta a propósito exemplos, concluindo que na sua prudência e humildade "atribuía sempre ao Fundador as decisões de tôdas as coisas bôas e convenientes".

O Padre Barbéris, tendo acompanhado o Pe. Rua, já como Reitor-Mór, em uma das suas primeiras viagens à Espanha, declarou que ainda se recordava dessa viagem e de que "todos o veneravam e viam nêle o mesmo Dom Bosco".

Termino estas citações com a palavra de

um douto prelado, D. Ferrúgia, que apreciava e amava sobremaneira a Congregação Salesiana e a santidade do Padre Rua: "Dom Bosco era para o Padre Rua como um livro sempre aberto à sua frente, de onde hauria as normas que deveriam guiá-lo em particular, e, por seu intermédio, também as Obras Salesianas".

Meus caros, podemos e devemos imitar o Padre Rua, nesse seu particular afeto a Dom Bosco. Não se requer um sacrifício oneroso e muito menos uma virtude heróica; é, ao invés, alegria é prazer, como o filho que se regozija em poder imitar o próprio pai pelo afeto que lhe consagra. Estou certo de que todos os salesianos amam extremosamente a Dom Bosco, mas na passagem dessas duas datas jubilares sinto-me no dever de convidar-vos a uma justa reflexão sôbre o nosso apêgo a Dom Bosco, se é realmente sincero, forte, constante ou se é apenas simples admiração expressa em palavras, cuja consequência se reflete na ineficácia da nossa missão de mestres e educadores.

No pequeno florilégio que vos apresentei e que poderia ser maior, vistes que todos os testemunhos trazem o mesmo conceito, isto é, que o Padre Rua era o mesmo Dom Bosco, pensava, agia e portava-se como Dom Bosco em tudo.

A verdadeira devoção, que devemos consagrar ao nosso Santo Fundador, consiste justamente em não nos afastarmos jàmais

da sua doutrina, dos seus métodos, dos seus critérios de trabalho; em uma palavra devemos viver do seu espírito.

Em tôdas as nossas empresas, ocupações, afazeres, iniciativas, perguntamo-nos a nós mesmos, com profundo espírito de humildade: "Como faria Dom Bosco nesta circunstância, neste trabalho, nesta relação?". E que ninguém responda precipitadamente: "estou certo de que Dom Bosco faria como eu".

Não confiemos tão facilmente em nossas habilidades, inteligência e experiência, quase obrigando a Dom Bosco a pensar como queremos nós. Nos casos duvidosos e nos encargos de responsabilidade não cabe ao individuo decidir sem a prévia consulta aos Superiores, que fazem as vêzes do Santo Fundador. Não adianta apelar, com os próprios botões, para os tempos que não são mais os de Dom Bosco, para o mundo que já mudou tanto, para a atualização a que todos se sujeitam. Para as eventuais modificações, acréscimos ou supressões das disposições dos regulamentos e das tradições, providenciarão os legítimos Superiores e não cada um em particular.

Não vos pareçam pesadas, caríssimos irmãos, estas palavras. Infelizmente já nos chegou ao conhecimento alguma interpretação muito avançada, de que "é necessário acompanhar os tempos", enquanto que para nossa satisfação e justo orgulho pode-

mos constatar que não são poucas as casas que hodiernamente desenvolvem as suas atividades como nos tempos em que Dom Bosco lançava as bases da sua obra.

Unamo-nos todos ao Venerável Padre Rua com os seus admiráveis exemplos, com a mais filial e devota afeição ao nosso amado Pai e Fundador!

FIDELIDADE À REGRA

O segundo dote ou característica da vida do Padre Rua foi sem dúvida a perfeita observância às Regras. E podemos acrescentar que essa observância foi uma natural consequência ou manifestação da primeira, ou seja, do amor, da devoção e do apêgo a Dom Bosco.

De fato, para um Salesiano a fidelidade à Regra não é outra coisa senão o filial amor ao Fundador e Pai, que disse aos seus primeiros Missionários: "Irei convosco..." enquanto lhes entregava o livro das Regras. Do Padre Rua pode-se afirmar que "no seu Superior e Pai via a encarnação da Regra na vida do Salesiano" ou melhor dessa encarnação tornou-se êle mesmo o prolongamento verdadeiramente providencial para a então muito jovem Congregação, que Dom Bosco fundou, o qual legou aos Salesianos o precioso testamento: "Se me amastes em vida, continuai a amar-me no futuro com a exata observância às nossas Regras".

A perfeição da observância às Regras no Padre Rua é tão vulgarmente conhecida que poderia talvez despertar hilaridade se se pretendesse recordá-la explicitamente nesta circular. Tendo feito, porém, o propósito de honrar o Padre Rua nas duas datas jubilo-
sas, não podemos prescindir dêste segundo argumento, essencial para o Padre Rua e não menos vital para nós, tanto no presente como no passado.

Para o Venerável Padre Rua a observância das Regras é a pedra de toque no julgamento das obras salesianas e também dos Irmãos. Na circular de 1905, êle, como São Francisco de Sales, afirmou que “a Regra é o livro da vida, a medula do Evangelho, a esperança da nossa salvação, a medida da nossa perfeição, e chave do Paraiso”. Palavras de ouro que jamais deveríamos esquecer. Somente pode escrever assim sôbre as Regras quem as tem em alto conceito, ou melhor, sabe fazer delas a vida da própria vida. Confirma-o o Padre Céria: “aquilo, que chamamos hoje mais vulgarmente a espiritualidade do Padre Rua, parece ter sido já definida por Dom Bosco quando disse do seu Vigário que era a Regra viva. Dom Bosco tinha em vista certamente uma Regra em geral, a Regra salesiana, cuja letra e espírito o Padre Rua conhecia perfeitamente e praticava com tanta fidelidade que melhor se diria ser ela a vida da sua vida”.

Se no momento quisesse confirmar po-

sitivamente com exemplos e episódios a perfeição da sua observância, deveria transcrever páginas inteiras especialmente dos três preciosos volumes do Padre Amadei. Darei apenas ligeiros traços, começando pelas virtudes que constituem a essência ou a substância da vida religiosa, pelo fato de se referirem aos santos votos.

a) **POBREZA** — Era o seu distintivo e por tóda a sua vida foi a virtude que mais resplandecia na sua pessoa e em tudo o que usava. “E’ impossível”, dizia, “progredir no caminho da perfeição e ser filho de Dom Bosco sem amar a virtude da pobreza”.

Pobre devéras em tudo o que era do seu uso, dissemos, e especialmente no vestuário, na alimentação, nas viagens, no excessivo cuidado para evitar os prejuízos materiais, no desprendimento das cousas terrenas e nas privações procuradas ou recebidas. Tudo o que inculcou aos salesianos na admirável circular sôbre a Pobreza, cuja leitura deveríamos renovar de quando em quando, foi êle o primeiro a praticá-lo sempre com suma exatidão e em qualquer lugar.

Embora amasse sobremaneira o asseio pessoal, a ordem, a limpeza, jamais procurou para sí distinções e comodidades de espécie alguma. De certa feita, foi a Milão com a batina um tanto gasta, sapatos remendados e chapéu descorado. E os salesianos, dedicada e respeitosa, chamaram-lhe a atenção, receiosos de que com aquêlê traje

causasse má impressão aos benfeitores. O Padre Rua sorria amavelmente pela preocupação dêles e não lhes deu atenção. De outra feita, embora andasse sempre aseado mas sumamente desprendido, quando de uma das suas visitas à Nizza Monferrato foi à Câmara Municipal para avistar-se com o Presidente. Todos os que o viram transitar pelas ruas e pelos corredores da Câmara observaram-no e perguntavam entre si: “Quem é êste Padre magro como a morte vestido tão pobrememente? Com certeza vem pedir esmolas”. Por acaso na sala de espera da Câmara estava uma Irmã Filha de Maria Auxiliadora, a qual, tendo ouvido o comentário que se fazia, procurou desfazer as dúvidas: “E’ o Superior dos Salesianos, o Padre Rua, o Sucesor de Dom Bosco”. — “Então deve ser santo” exclamavam êles.

O Padre Rua com a sua pobreza demonstrava viver realmente morto para o mundo e desapegado de tudo, extenuado pelas fadigas sustentadas por amor de Nosso Senhor:

b) **CASTIDADE**

A modéstia e a mortificação do Padre Rua eram insuperáveis segundo o juízo dos que testemunharam a sua santidade.

O esplendor da virtude angélica transparecia em sua pessoa e bastava um simples olhar para admirar-lhe a candura da alma. Salesianos, ex-alunos, cooperadores, ilustres prelados, afirmaram expressamente que o Pa-

dre Rua era um anjo em carne, um santo que mais vivia no Céu, que na terra; que levou a inocência batismal ao túmulo; que pela vida em fóra conservou o candor dos bons costumes.

Um ex-aluno no fim de uma entrevista com êle, disse: "Parecia-me apertar a mão, não de um corpo humano e sim de um espirito". Como vêdes já me vou longe e devo resumir em vez de trazer citações, não obstante sejam de elevado valor.

Não posso, porém privar-vos de algumas recomendações oportuníssimas que o Padre Rua dava aos Salesianos a fim de que observassem escrupulosamente as prescrições do regulamento como guarda do lírio da pureza. "Somos destinados", dizia êle, "a coadjuvar os anjos como guarda dos nossos jovens... Preservai o vosso coração dos afetos terrenos... Quando percebeis atrativos particulares para com alguma criatura, sufocai-os logo. Os santos atraíam para si copiosas bênçãos, praticando a virtude angélica. Amai a todos igualmente. Deveis cuidar de tôdas as almas; não permitais que alguém vos roube o coração. Tratai a todos com a máxima reserva, especialmente as pessoas de outro sexo". Encerrarei êste parágrafo citando a conclusão enfática que depois de uma prática sôbre a castidade saiu espontânea do coração abrasado de ternura do Padre Rua: "Salve, pois, bela virtude, santa virgindade, riqueza indefectível, coroa imarcescível, tem-

plo de Deus, casa do Espírito Santo, preciosa margarita, vencedora da morte e do inferno, vida dos Anjos, corôa dos Santos". Quando proferia êsse elogio, notaram os presentes que a tonalidade de sua voz tomou nova vivacidade, o seu rosto se iluminou com aparências de transfigurado. Estas impressões são exatamente análogas às que se ouviam depois das práticas de Dom Bosco sôbre esta virtude, como atesta o Padre Bonetti.

c) OBEDIÊNCIA

Pela definição que deu Dom Bosco: "O Padre Rua poderia chamar-se a Regra viva", ressalta claramente a mais absoluta intransigência e apêgo a tudo o que lhe exigiam as Constituições, os Regulamentos, as ocupações e os outros deveres.

O Cardeal Cagliero define o Padre Rua o *vir oboediens usque ad mortem*, obediente até à morte, obediente mesmo que lhe custasse a vida.

Mais ainda que a vida, preocupavam-no as tradições que Dom Bosco deixou à Congregação e até renunciou à algumas delas, inclinando a frente não obstante lhe sangrasse o coração, quando lhe chegou expressa e definitivamente a decisão de Roma.

Com a eficácia de quem antes age e depois ordena, escreveu aos Inspetores e Diretores: "seja pois qual fôr a ordem que tendes recebido dos Superiores, qualquer que seja a mudança de lugar ou de ocupação,

que se refira à vossa pessoa, como à dos vossos colaboradores e a todas as disposições referentes à parte econômica, às exortações para a observância de certas Regras, que parecem um tanto esquecidas, tudo, em uma palavra, que aprouver aos Superiores mandar **in Domino**, seja por vós acolhido como a manifestação da vontade de Deus. Jámais deveis apresentar desculpas que poderiam ser uma sugestão do amor próprio ou um apêgo mal-entendido à própria Casa, para furtar-se à obediência.

Esforce-se cada um, escrupulosamente, a não pôr resistência à vontade do Superior de evitar ou retardar, nem que seja por brevisimo tempo, a execução das ordens recebidas, nem demonstrar ressentimentos. São coisas que seriam suficientes para estabelecer a separação e a desunião que Nosso Senhor Jesus Cristo estimagtizou...”

E insistia ainda: “Assim como é mais perfeita caridade dar esmola ao pobre por amor de Jesus Cristo, do que dá-la ao mesmo Jesus, assim também é mais perfeita obediência, obedecendo a um homem por amor de Deus, do que ao mesmo Deus se desse ordens.

d) FIDELIDADE ÀS COUSAS PEQUENAS

Dizer “fidelidade às cousas pequenas” significa lembrar o sumo respeito às prescrições mais pequeninas das obrigações do próprio estado, que requer vigilância sem interrupção, séria e máxima penitência, sa-

crifício heróico e até o martírio. Segundo Bento XIV é o maior milagre que pode fazer um religioso e que por si só é suficiente para levá-lo às honras dos altares.

O Padre Rua nunca deixou de inculcar aos salesianos que o Senhor não exige de nós atos extraordinários, mas a perfeição nas cousas pequenas, e tal é a sua veracidade que por elas nos garante a glória do Paraíso.

Cousa alguma, pelo fato de ser contemplada nas Regras, pode-se dizer pequenina, mas tudo é importante e por isto não se pode transgredir. Fazendo bem tôdas as cousas, mesmo as mais pequeninas, construiremos com segurança o grande edifício da santidade.

“Para observar as Regras”, dizia, “é mister dar importância às cousas pequenas”. E aqui caberia uma interminável enumeração de fulgidísimos exemplos do Venerável Padre Rua na observância dos votos religiosos, das Constituições, dos Regulamentos, das tradições, das disposições e até dos desejos do Santo Fundador, o qual, desde os primeiros anos dizia: “Quando se fala ao Clérigo Rua, deve-se ponderar bem as palavras, porque êle as interpreta literalmente e exatamente as põe em prática”.

Justamente na consideração dessa fidelidade, caríssimos, desejaria atrair longamente a vossa atenção. Devo porém limitar-me a uns ligeiros traços. Voltemos por exemplo, ao espírito de pobreza do Padre Rua.

O alfaiate julgou que não tinha mais consêrto uma das suas peças de vestuário e devolveu-lhe. O Padre Rua recomendou então ao Secretário: "Diga ao alfaiate que dê apenas algumas cerzaduras... Ainda está boa e, quando estiver imprestável, providenciaremos uma nova".

Encontrou pelo chão um pedacinho de pão e, como já o fazia de há muitos anos, recolheu-o, limpou-o e colocou-o no bôlso para comê-lo à refeição.

Achou uma pena no pátio, recolheu-a e disse: "Ainda bem; durar-me-á um mês". Uma pena nova durava-lhe três meses, como escreveu o seu biógrafo. Que contraste sutil em confronto com certas preciosíssimas canetas-fonte ou estilográficas, de que alguns são tão pretensiosos, não lhes servindo uma simples ou comum.

Observava igual economia no uso da luz, dos papéis de carta, e em qualquer objeto mais indispensável.

Economizava nas viagens por amor à pobreza religiosa.

Alegrou-se de uma feita por ter economizado alguns tostões de bonde, podendo assim dá-los de esmolas a um pobrezinho e fazia-o com frequência especialmente indo a pé de Valdoco a Valsalice. E pelo caminho ocupava o tempo falando confidencialmente ao seu, companheiro.

Com relação ao dinheiro, não permitia em absoluto, que os irmãos conservassem na-

da contra a prescrição da Regra, e não admitia desculpas nos que não estavam autorizados, em força do próprio ofício, a utilizá-lo. O santo bispo Salesiano Dom Olivares, recordando os sentimentos e os exemplos do Padre Rua, com entusiasmo, em uma das instruções do Retiro Espiritual, dizia: “Meu caro irmão, compraste jornal; mas tinhas licença? E a Regra? Gastaste alguns tostões; e de onde os recebeste? Não sabes que não se pode ter dinheiro? Não me digas que são apenas alguns tostões... E’ dinheiro e tu o não podes ter”. Que zêlo! Oxalá, inspirem-se nesses fatos os nossos pregadores e sôbre isto vigiem os Inspetores.

Apresentei-vos alguns exemplos sôbre a pobreza sem poder prolongar-me nas outras virtudes religiosas; por exemplo, na temperança, no trabalho, na mortificação e assim por diante. Não me é possível, porém, silenciar a exatidão, a exemplaridade e a pontualidade do Padre Rua nas práticas de piedade.

O fervor da sua seráfica piedade interior manifestava-se também no exterior e os que o observavam era forçados a exclamar: “Vêde como rezam os Santos”. Estas declarações são comuns e freqüentes nos lábios de várias testemunhas. Escreve o Padre José Vespignani: “A sua pontualidade nas práticas de piedade, era uma das características proverbiais e nele personificada. O Padre Rua era a Regra, o horário, a vida comum, e, por isto, era sempre o primeiro nas práticas de pie-

dade". Essa autorizada declaração confirma-se e completa-se com a que nos deu o Inspetor Padre Saluzzo, falando da meditação: "Por sete anos consecutivos, fui encarregado da leitura da meditação no côro da Igreja de Maria Auxiliadora às 5,30 horas durante o inverno, e às 5 horas, no verão. O servo de Deus era sempre o primeiro a entrar na igreja, piedoso e devotamente recolhido, mesmo que tivesse chegado à Casa, em horas avançadas, no dia precedente, regressando de alguma viagem".

As fotografias que reproduzem o Padre Rua em oração, com as mãos apoiadas no encôsto do genuflexório, dão-nos idéia do seu profundo recolhimento. Durante a meditação, tinha a cabeça apoiada entre as mãos, ficando imóvel. Recorda-se que no tremor de terra de 1887, durante a meditação, ficou sozinho, de joelhos na Capela, como se nada houvesse percebido, ao passo que, quando se ouviu o fragoroso rumor todos saíram da Basílica. Era sempre o mesmo na meditação, na leitura espiritual e nas outras práticas, na observância exata das rubricas das cerimônias e de tôdas as funções litúrgicas. São muitos os episódios. Procurai, para vossa satisfação e conforto, lê-los em alguma das biografias do servo de Deus.

e) FIRMEZA E BONDADÉ

Poder-se-á talvez comentar ou pelo menos pensar, que com um apêgo tão extraordinário às Regras, mesmo nas suas minucio-

sidades, às prescrições de qualquer espécie e às paternas tradições, tudo tenha levado o Padre Rua a um teor de vida esquemático e portanto frio e duro.

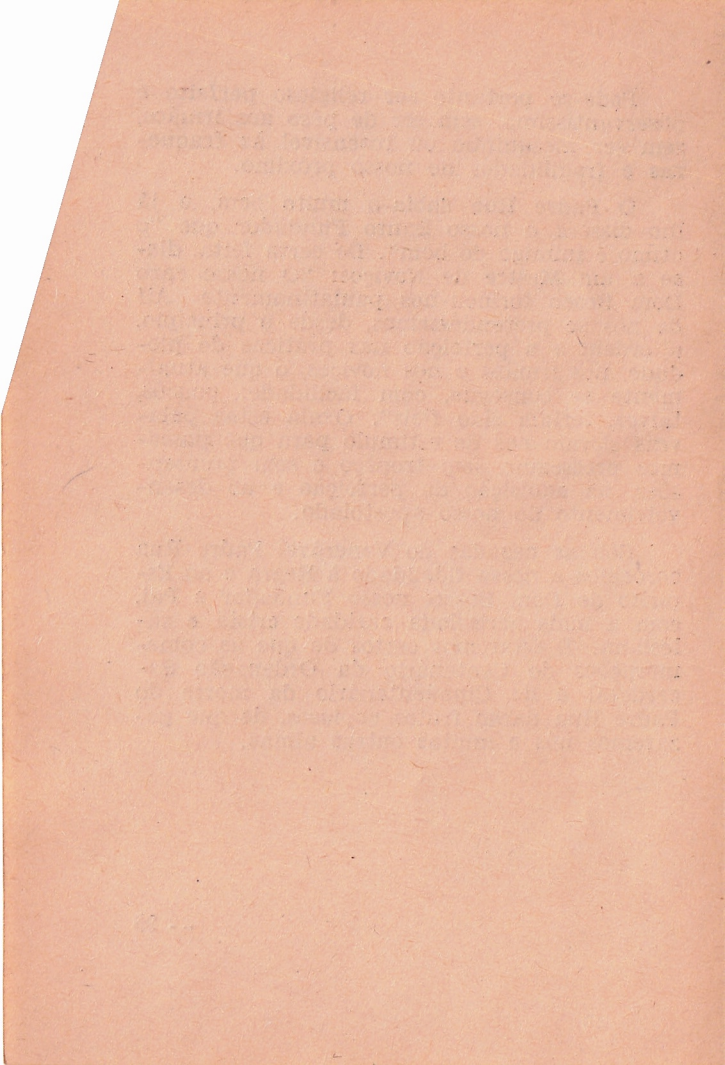
Contra êsse perigo o mesmo Dom Bosco preveniu o então Prefeito do Oratório com a sua habitual recomendação: "Meu caro, ouça! Seja negociante de azeite". O Padre Rua compreendeu e esforçou-se por "ser negociante de azeite", tornando-se sempre afável no seu trato com os dependentes e correspondendo plenamente à assídua direção do Fundador e Pai: "o azeite tempera todos os alimentos no Oratório".

Além disto sabia defender enérgicamente a disciplina religiosa, no tempo devido. E' suficiente recordar que, tendo conhecimento de que um clérigo fumava, por disposição médica, escreveu ao seu diretor: "Lamento que tenha êle obtido do médico a receita para fumar. Pode fumar, mas fica estabelecido que, terminados os votos temporais, deverá sair da Congregação, desde que não possa atender à exata observância das Regras". No entanto "a sua observância exata vivificada pelo amor de Deus e do próximo, não lhe obstava o ser afável e cortês com os outros. Austero consigo, era indulgente e condescendente com os outros. Corrigindo, aconselhando e dando ordens tinha em consideração o estado de ânimo do próximo e conciliava as suas palavras de maneira que o interessado se afastava dêle satisfeito e elogiando-o.

Pode-se portanto ser religioso perfeito e observantíssimo, sem ser de pêso aos irmãos, sem ser mesquinho ou insensível às fraquezas e fragilidades do nosso próximo.

O Padre Rua sabia-o muito bem, e já lho dissera o nosso Santo Fundador que "o ótimo é inimigo do bom". De certa feita, disse a um Mestre de Noviços: "O nosso caro Dom Bosco formou-nos paulatinamente. Ai! de nós se pretendêssemos, desde o princípio, a ordem e a perfeição nas práticas de piedade, nos irmãos e nos noviços, o que atualmente se consegue, com facilidade; poucos, talvez, teriam sido fieis". Oxalá estas palavras sirvam-nos de estímulo para que possamos prosseguir, sem tropêço e sem pretenções, na aquisição da perfeição e no desenvolvimento do nosso apostolado.

Sob as pegadas do Venerável Padre Rua coróemos a nossa fidelidade à Regra e ao Espírito de Dom Bosco, nosso Fundador e Pai, com a mais acrisolada caridade cristã e salesiana. E estaremos certos de que as comemorações do Centenário da Ordenação Sacerdotal e do Cinquentenário da morte do Padre Rua darão frutos copiosos, de que gozaremos nós e muitas outras almas.



M